

HELENA OU NA TRANSVERSAL DO TEMPO

SONIA BRAYNER (UFRJ)

Para João Alexandre Barbosa

... na luta eterna da autoridade com a liberdade há períodos de ação; períodos de reação, por fim, períodos de transação em que se realiza o progresso do espírito humano e se firma a conquista da civilização.

Justiniano José da Rocha, **Ação, reação, transação**, 1856.

O espírito curioso que se der ao prazer de consultar os catálogos das livrarias e editoras brasileiras do século XIX encontrará bons motivos para satisfazer sua curiosidade. Meio à poeira e a folhas semi-destruídas tem encontro marcado com um tempo só restituível entre os papéis velhos e carcomidos.

O catálogo da Livraria Universal dos Editores Laemmert traz o seguinte anúncio em sua edição para 1848:

Coleção completa das Máximas, Pensamentos e Reflexões do Exm^o Sr. Marquês de Maricá. Um grosso volume ornado com o retrato do Autor, o Fac-símile da sua letra e aumentado com as Novas Reflexões, Máximas e Pensamentos publicados por S.Ex^ã em 1844 e 1846. Em brochura Rs.... 4\$000, encadernado Rs.... 5\$000.

Oferecendo aos apreciadores do alto talento do Ilustre Ancião todas as suas Máximas, revistas e publicadas debaixo da sua vista, em um volume impresso com o maior cuidado em excelente papel, temos a satisfação de crer que levantamos um monumento de glória literária para o Brasil. Todas as classes da Sociedade acharão neste livro, sem dúvida o mais interessante e o mais bem escrito que se tem publicado no Brasil, Máximas e Pensamentos dignos de leitura e meditação, que se espalham com um estilo encantador sobre todos os objetos do humano saber e conhecimentos e deixam o leitor espantado de tanta instrução e experiência, reunida em um único homem que tão generosamente comunica seu tesouro, o fruto de uma longa vida, estudo e leitura imensa, para o aproveitamento dos seus concidadãos.¹

A edição definitiva das **Máximas** virá à luz em 1850, dois anos depois da morte de seu autor, pela mesma editora Laemmert. Conterá 4 188 máximas, com numeração progressiva e sem títulos intermediários para agrupá-las, organizando a leitura².

Seu autor é Mariano José Pereira da Fonseca, nascido no Rio de Janeiro em 1773. Foi muito jovem estudar em Portugal e aí bacharelou-se em Filosofia, em 1793, regressando para o Rio de Janeiro. Por estar ligado à Sociedade Científica e Literária de Silva Alvarenga acabou denunciado e preso com seus companheiros. Depois de três anos foi libertado por ordem de D. Maria I. Mais tarde, com a vinda da Independência, serviu a D. Pedro I como Ministro de Estado, Conselheiro e Senador³.

As **Máximas e Reflexões** começam a aparecer em 1813, no jornal **O Patriota**, sob o pseudônimo "Um brasileiro" e são compiladas e distribuídas pelo autor, em fascículos gratuitos, a partir de 1837, sempre aumentados. Pela acolhida dessas tiragens sucessivas, pelo tom laudatório do anúncio da Casa Laemmert já transcrito, seu editor desde 1843, podemos concluir que se trata de um sucesso de leitura e de vendas.

O Marquês de Maricá vai suprindo de maneira acessível, em doses homeopáticas, a botica de senso comum que a incipiente sociedade brasileira ingere como se fosse verdadeira filosofia. À falta de tradição de pensamento, supria-se a lacuna com fórmulas filosofantes, povoadas de pironismos, falsas evidências e lugares co-

mundos, através de um verbalismo paramentado com suportes rítmicos e eufonias que induzissem a memorização.

As sociedades literárias e os salões brasileiros oitocentistas eram pobres daquele clima de **esprit** e erudição que excitava os torneios verbais dos salões franceses. O jogo das máximas e o jogo dos retratos (**portrait**) aqui não aportaram senão envelhecidos e disfarçados em máximas de ética pedagógica.

A mania dos provérbios, máximas, anexins, aforismos, apotegmas, sentenças e outras locuções com tendência didática e moral ou apenas cômica e popular, vinha de longe, de três séculos de prosadores lusitanos. Ela atravessa a prosa de **A Corte na Aldeia**, de Francisco Rodrigues Lobo, a **Nova Floresta ou Silva de Vários Apotegmas**, do Padre Manuel Bernardes, a **Carta de Guia dos Casados**, de Dom Francisco Manuel de Melo.

Os adagiários e outras tantas obras a coletar material dessa fôrma nascem ininterruptamente em Portugal, desde o século XVI: as **Sentenças**, (1549, 1ª ed. 1605), de Dom Francisco de Portugal, **A Filosofia Moral Tirada de Alguns Provérbios em Adágios** (1641), de Frei Aleixo de Santo Antônio, **Os Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares-comuns** (1651), do Padre Antônio Delicado, as **Metáforas ou Feira de Anexins** (1666, 1ª ed. 1875), de Dom Francisco Manuel de Melo, o **Florilégio ou Modos de Falar Adágios da Língua Portuguesa** (1655), do Padre Bento Pereira e tantos outros.

Vale a pena registrar a primeira edição, em 1752, em Lisboa, seguida de inúmeras outras, das **Reflexões sobre a Vaidade dos Homens**, do paulista Matias Aires Ramos da Silva de Eça. Entre 1848 e 1849 o jornal lisboeta **A Época** publicou os **Rifões Portugueses**, talvez coordenados por A. da Silva Túlio. Em 1845 saiu a edição da **Coleção de Pensamentos, Máximas e Provérbios**, de Rodrigues Bastos.

O Marquês de Maricá, ao lançar seus fascículos a partir de 1837, engrossava uma ininterrupta corrente proverbial surpreendida até mesmo em Cervantes, no **D. Quixote** (2ª Parte, cap. 34, livro IV), quando o Cavaleiro terça armas verbais com Sancho, brandindo provérbios com incrível habilidade.

Não é sem razão que a primeira tentativa teatral do adolescente Artur Azevedo, em 1870, na flor dos seus quinze anos, seja um entreato cômico, **Amor por Anexins**, composto de frases feitas e máximas populares, plenamente acessíveis à platéia familiar maranhense que o aplaudiu⁴.

O estudo da história das mentalidades e das ideologias, assim como a percepção do entrecruzamento de normas literárias a se fazer sem controles rígidos apesar das Retóricas, encontram nestes repertórios especial motivo de interesse. Dão eles conta da ansiedade da burguesia em formação para codificar seus valores e idiossincrasias. A visão de **moraliste** é ampliada com uma direção censória, de caráter combativo, próprio dos sistemas de valor.

Uma rápida incursão nos domínios do Ilustre Ancião, como apregoa o anúncio, nos dá a medida das lições edificantes espalhadas pelas escolas e assimiladas por nossos ancestrais.

Dirá ele, baseado em sua experiência política de longa vida: "Reformar e não inovar é o voto do legislador prudente" (871), ou de maneira preconceituosa, "Ignorância e pobreza vêm de graça, não custam trabalho nem despesa" (151), "A pobreza e a preguiça andam sempre em companhia" (157).

As mulheres saem muito maltratadas neste receituário de idéias prontas: "A mulher douta ordinariamente ou é feia ou menos casta" (351), "A mulher cigarra e irascível é o maior flagelo de uma família" (3239).

Há um permanente elogio da velhice sãbia, do conhecimento que encerra sabedoria, de Deus, do equilíbrio harmonioso a que se deve aspirar, de um certo ceticismo mesclado de bonomia: "Os bons escritores moralistas são como os faróis litorais: advertem, dirigem e salvam os navegantes do naufrágio" (931).

Conseguiu conciliar extremos tão longínquos, fazendo conviver contradições, que passou para a posteridade do seu século como um modelo de pensador leigo, dono de extraordinária erudição, "instrução e experiência".

Raul Pompéia em **O Ateneu** (1888)⁵ surpreenderá algumas dessas máximas em sua ativa vocação moralizante e pedagógica, "a transudar das paredes, nos conceitos de sabedoria decorativa dos qua-

dros", ameaçando o adolescente Sérgio com as penas do opróbrio social.

A busca de um ideal de equilíbrio fez o Marquês indicar a "mediocridade" como o nível da aspiração vital; mas não se trata da aurea *mediocritas* horaciana. Dirá convencido: "Não é menos funesto aos homens um superlativo engenho do que às mulheres uma extraordinária beleza: a mediocridade em tudo é uma garantia e penhor de segurança e tranqüilidade" (15).

Suas afirmações no campo da estética vão pelo mesmo caminho. Teme a imaginação e defende os direitos da razão: "A imaginação é uma louca estouvada que tem a razão por curadora" (1504), ou ainda, "A imaginação sendo uma louca, tem a razão por enfermeira" (3552).

O Marquês de Maricá teve leitores assíduos entre os membros das elites letradas, formadoras de opinião e dirigentes dos destinos do país. Estabeleceu-se, através dessa linguagem elaborada, uma comunicação com os princípios e práticas da monarquia que construía a Nação. O Primeiro Reinado é abastecido por esse manancial de conservadorismo, com ares de tradição perpetuada e, no período da consolidação monárquica, as *Máximas* estão em sua forma definitiva. A edição de 1850 será continuamente reproduzida e acompanhará o desenvolvimento da Conciliação. Luzias e saquaremas irão discutir, legislar e politizar sob os olhos do Soberano, visando à promoção da sociedade no conjunto das "Nações Civilizadas"⁶. O perfil do Ilustre Ancião será perceptível no desenho complicado da condução da vida política em suas hierarquias e flutuações.

* * *

Helena (1876), de Machado de Assis, terceiro romance dos anos setenta, foi publicado no jornal *O Globo* de Quintino Bocaiuva durante quarenta dias - de 6 de agosto a 11 de setembro, dia a dia. A edição no rodapé foi feita em duas largas colunas com vistas a ter sua composição imediatamente aproveitada para a edição em livro. O que aconteceu pela editora Garnier, à qual Machado vendera, de antemão, em abril do mesmo ano, os direitos de publicação.

No momento em que socorria o velho amigo na luta pela sobrevivência de um jornal de poucos recursos, atravessava uma fase especial no desenvolvimento de seu projeto literário. Tentava dominar a estrutura do romance, ainda recortando-o nos moldes de um romantismo um tanto decadente. Não ousava os caminhos do realismo; ao contrário, encetará uma campanha anti-realista já visível no ensaio de 1873, "Instinto de Nacionalidade".

Na "Advertência" da edição de 1905 (2ª edição em livro) reconhece tratar-se de algo "romanesco", um "capítulo da história do meu espírito, naquele ano de 1876", "eco de mocidade e fé ingênua" do qual, "em nenhum caso /.../ tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo"⁷.

Apesar da aparência de um enredo desabusadamente romântico, o folhetim de *O Globo* reveste-se de um tecido cuja trama é bem menos descabelada e aventureira. Em um texto da ficção do círculo familiar tão em voga ainda pelos meados da década de setenta o autor experimenta o deslocamento temporal a fim de ganhar perspectiva e legibilidade para os temas de sua cultura - as relações sociais, políticas e literárias dos anos cinquenta.

A confluência do crítico no criador é exercida por uma intromissão bem administrada no percurso narrativo, permitindo que certos paradigmas sejam atualizados pelo leitor na medida em que lhe excita a curiosidade. O romance-folhetim tem regras e princípios de organização voltados para a expectativa e o reconhecimento, aprisionando o leitor em sua ansiedade.

A intriga é amorosa outra vez, mas o amor é um jogo perigoso, pois atinge a base da sociedade: a família, os bens, a normalização do indivíduo no sistema, a percepção das margens sociais, a Nação como projeto civilizatório conservador e voltado para suas prerrogativas.

Um contrato de leitura é negociado com o leitor cujo distanciamento, considerado valioso, fornece-lhe espaço para crítica e julgamento. Como frequentador do mundo social fluminense recebe um convite ambíguo para mergulhar na ilusão sem tirar o salvavidas da consciência analítica. Não é um artifício constante, mas suficientemente significativo, quando a ocasião se apresenta. As-

sim, por exemplo, introduzirá Eugênia:

Eugênia era uma das mais brilhantes estrelas entre as menores do céu fluminense. Agora mesmo, se o leitor lhe descobrir o perfil em camarote de teatro, ou se a vir entrar em alguma sala de baile, compreenderá - através de um quarto de século, - que os contemporâneos de sua mocidade lhe tivessem louvado, sem contraste, as graças que estão alvoreciam com o frescor e a pureza das primeiras horas" (p.75).

Este ajuste da temporalidade e a convivência de um conhecimento partilhado assinalam o desejo de autenticar a origem, natureza e confiabilidade do **saber** narrativo, que não é apenas o sentido mas o **bom** sentido. Uma espécie de "memória cúmplice" controla referências e estabelece correlações.

Tudo começa com a morte do Conselheiro Vale, anotada pelo narrador com detalhe: 7 horas da noite de 25 de abril de 1850, de apoplexia fulminante. Não há gratuidade no registro. Neste **incipit** encontram-se alinhados os principais elementos a constituir a rede de significações do universo narrado: "as relações adquiridas, cabedais, educação e tradições de família" (p.53).

A situação política do morto, equidistante, "não estava ligado a nenhum dos dous partidos, conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o dar à sepultura" (p. 53), faz aceno ao período conciliatório, momento importante na construção do Império⁸. A prática política da convivência e divisão de poderes entre conservadores e liberais era, desde as sangrentas revoltas dos anos quarenta, manobra conveniente na composição dos ministérios.

Sobre este alicerce está fincada a primeira pilastra de sustentação do romance. O Conselheiro era um conciliador, "tinha /.../ tais ou quais idéias políticas, colhidas nas fronteiras conservadoras e liberais, justamente no ponto em que os dous domínios podem confundir-se" (p.53). A prática conciliatória se fará presença através de um testamento revelador. Não há pior maneira para se descobrir verdades familiares, pensará o leitor de qualquer época...

Helena entra no texto adulta e condenada. A evolução do enredo e a política das relações será tarefa para vinte e oito ca-

pítulos. O mapeamento, entretanto, já estará à disposição de todos no escritório do Conselheiro: "sobre a mesa /.../ estava ainda o último livro que o conselheiro lera: eram as **Máximas**, do Marquês de Maricá" (p.69).

A máxima, domínio do empirismo, instala-se na retrospectiva e seu caráter é o da resignação do já vivido⁹. O próprio autor, oito anos depois de Helena, ao publicar na **Gazeta de Notícias** o conto "Evolução" (1884), dará a melhor definição para esse "aparelho verbal": "... formas curtas, tão cômodas, que não forçam a reflexão, preenchem os vazios e deixam a gente em paz com Deus e os homens"¹⁰.

O enigma e a máxima reúnem-se aqui para estimular uma disposição mental persistente: é imperioso saber e transformar este saber em explícito conteúdo ético, pois trata-se da manutenção da ordem vigente.

Procurar o rodapé folhetinesco em 1876 ou ler, capítulo por capítulo, depois de publicado, equivalem-se, pois a economia ficcional foi arquitetada a fim de dosar um certo percurso de sentido. As cabriolas temporais não impedem que a revelação só se feche na última linha, quando a latência dos conhecimentos e valores ideológicos forem absorvidos pelo leitor.

O núcleo dinâmico da significação explora o **topos** da busca da identidade enigmática, envolta em travestimento enganador. Significante recorrente no teatro e ficção oitocentista, será ainda usado à exaustão sempre que se desejem estímulos para o terror humano de ser um outro e se perder na anonimidade. A fórmula clássica do enigma - "decifra-me ou morre" - é tomada em seu sentido limite de prova capital. Alguém deve morrer pois perturba a regularidade da repetição. Personagem condenado por antecipação, Helena é a mulher romântica por excelência, fatal e fadada, a se intrometer de maneira equívoca na Família. A continuidade, a estabilidade, são referentes obrigatórios para a consolidação de modelos de comportamento mantidos através de graus hierarquizados de exercícios de poder. A transgressão é punida, pois cria a possibilidade de mudança não prevista pelas regras/máximas distribuídas a cada passo no texto.

O escamoteamento de um certo saber vai tornar o leitor re-fém da estratégia textual; sua convivência com a narrativa contamina-o com a saturação moralista. A **palavra-fim**, que é a máxima (A. Jolles), enquadra a transmissão do sentido e é seu sub-texto principal.

Estevão e Helena refazem o casal complementar, as "afinidades eletivas" goethianas que Machado já utilizara em **A Mão e a Luva** (1872). Aqui, entretanto, apesar do amor, a ordem social erige o obstáculo intransponível dentro do código cultural. Os pretensos laços consangüíneos, mesmo depois de desatados, continuam a estigmatizá-los com o tabu do incesto. Estes personagens são protótipos ambulantes do mundo resignado das **Máximas** de Maricá e suas expressões habitam a vizinhança proverbial.

O narrador, ao retratar Estácio (cap. II), carrega nas tintas da gravidade do rapaz, herança da mãe, na educação à moda antiga, na seriedade ainda que matizada por certa jovialidade e alguma timidez. Esforça-se para passar a imagem de um jovem de 27 anos com tantas virtudes que, temendo o exagero, esclarece: "Convém dizer que não era essa gravidade aquela cousa enfadonha, pesada e chata, que os moralistas asseveraram ser quase sempre um sintoma de espírito chocho" (p.62).

Helena não fica atrás em decoro pessoal. Cheia de "uma graça pensadora, uma sisudez amável" (p.87), era superior porque conhecia "a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres" (p.72). Entretanto, ela divide com o próprio texto um travestimento original, "espécie de comediante/.../ a mudar continuamente de vestuário" (p.92), consagrado a indicar, em vários níveis, o trabalho de enigma e deciframento a ser cumprido à exaustão pelo leitor.

Se dona Úrsula, tia de Estácio, relê o indefectível **Saint-Clair das Ilhas**, "boa gente e moralíssimo livro, ainda que enfadonho e maçudo" (p.65), esclarece o narrador, Helena vai bisbilhotar nos livros do irmão e escolhe **Manon Lescaut**, ao contrário do previsível **Paulo e Virgínia**.

Texto literário e codificação ética assinalam as margens

possíveis de forma direta e simples: "Não é um livro para moças solteiras", despeja o sério Estácio/Maricã, orientando a cena. O livro volta para a estante, mas o amor-paixão torna-se contrapon-to, induzindo o leitor a cair em suas desinibidas armadilhas melodramáticas. Amar até a morte, sujeitar-se a todas as humilhações, suportar a condenação social ameaçam um paradigma amoroso a ser habilmente conciliado com a moral vigente. Eros será subjugado pelo **ethos**, o senso comum vigiará as impudentes folhas do coração.

A sentimentalidade consoladora e hipnótica de uma arte para a mediania burguesa instala-se, gostosamente, nos diálogos, a expandir energias e despender redundâncias para o habitual consumidor de folhetins. Nada de surpresas a não ser as costumeiras, frutos de desencontros, sobressaltos e malentendidos. Mas, tal intercâmbio de ingenuidades "sábias", torna-se mais arguto quando invade o delicado terreno dos bens, do lugar social, das alianças. O narrador, matreiramente, instala no texto algumas articulações privilegiadas para estimular a competência textual do leitor, nas quais armazena informações demarcatórias. Ao situar-se nesta perspectiva de configuração sobredeterminada, Machado intersecciona texto e contexto, acionando um operador metalingüístico através do qual se entrevêm padrões de comportamento genérico e normas literárias de diversas procedências.

Dr. Camargo, pai de Eugênia, é o **homo politicus** do romance. Tenta estabelecer uma aliança familiar vantajosa com Estácio pela qual fornece-lhe a filha como noiva e a política como futuro social. "Via-se como sogro do Estado e pai das instituições" (p.13), indica o narrador em seus dosados momentos de ironia. Vencer a indecisão de Estácio e, sobretudo, o "voto consultivo" de Helena, que "podia vir a ser preponderante", torna-se idéia fixa. Nessa linguagem reconhecível é conduzido o confronto entre Dr. Camargo e Helena - situação e oposição - até os momentos definitivos.

Em meados do século XIX era comum ouvir-se um aforismo político: "não há nada tão parecido com um saquarema como um luzia no poder". A expressão tinha livre curso em 1850, época em que se situa o romance machadiano e o capítulo VII desenvolve a pregação do Dr. Camargo sobre o esquivo Estácio:

O partido que lhe der a mão, - se não for o seu, - ficará consolado com a idéia de ter ajudado um adversário talentoso e honesto. Mas a verdade é que não escolheu ainda entre os dous partidos; não tem opiniões feitas. Que importa? Grande número de jovens políticos seguem, não uma opinião examinada, ponderada e escolhida, mas a do círculo de suas afeições, a que os pais ou amigos imediatos honram e defenderam, a que as circunstâncias lhe impõem. Daí vem algumas legítimas conversões posteriores. Tarde ou cedo o temperamento domina as circunstâncias da origem e do botão luzia ou saquarema nasce um magnífico lírio saquarema ou luzia. Demais, a política é ciência prática; e eu desconfio de teorias que só são teorias (p.96).

A permuta entre pessoas e ideário, entretanto, não esconderá a direção conservadora do texto e das hegemonias políticas. Auscultando o futuro mantinha-se o pai de Eugênia, preocupado com "glórias, pompas e satisfações da política" (p.97), à "procura de um meio termo, que é a posição do bom senso" (p.134). Não devemos esquecer que os saquaremas eram os conservadores fluminenses, organizados e dirigidos pela "trindade saquarema": Rodrigues Torres, Paulino José Soares de Sousa e Eusébio de Queirós. São todos personagens indiretos dessa ficção repleta de energias automatizadas.

O médico desdenha das opiniões do matemático Estácio, pois "detesta a filosofia da obscuridade e a retórica dos poetas". Entre "alhos e bugalhos", prefere os alhos, "a metade prática da vida". Os "bugalhos são puras abstrações, "a parte ideológica e vã".

Nesta cena de sedução política cruzam-se os fogos de artifício provinciano e interesseiro com a seriedade ideal no modelo Maricá. Um olhar atento perceberá a defesa do **status quo** no projeto de vida do possível luzia que é Estácio - "um bom pecúlio, a família, alguns livros e amigos". Mas não querendo ser apenas o "sacristão" no ritual político, declara a decisão final: faltava o "tema do sermão" (p.99). Machado distribui, em nível aparentemente superficial do enredo, matéria que servirá durante toda sua obra posterior para ironias cáusticas e desmoralizantes.

Nessa forma dialogal situa-se o eixo central da narrativa, conduzido por um narrador leve e pouco autoritário. As idéias as-

semelham-se na ação partidária e as prerrogativas de classe, o domínio das propriedades, a proteção aos seguidores são os laços estabelecidos a partir de casamentos entre famílias proprietárias ou no domínio da burocracia. Uma solidariedade horizontal ordena os lugares na sociedade brasileira e impõe as hierarquias de direção.

Helena é a ficção do "estranho no ninho", resultado da quebra das regras de manutenção e sobrevivência admitidas. O conselheiro Vale lia as **Máximas**, entretanto, a prática extrema da conciliação acabou fazendo-o viver ao arrepio das normas, com duas famílias. Restaurar a ordem é voltar ao rebanho.

A sensualidade incontrolada é destrutiva e os frutos desta árvore são amargos e têm "sabor travado de remorsos" (p.199). Assim é julgado o conselheiro pelo representante eclesiástico, Padre Melchior, uma espécie de Tirésias simplificado para o gosto fluminense.

A cena do capítulo VII tivera uma preparação no capítulo anterior quando Estácio e Helena passeiam a cavalo pelas matas da Tijuca. O núcleo do diálogo são "as vantagens da riqueza"; o elemento de comparação, um pobre negro, condutor de mulas, a chupar uma laranja, à beira da estrada.

As reflexões de Estácio deslocam a discussão do âmbito econômico-social para a periferia filosofante e moral: a liberdade e a riqueza caminham lado a lado, a pobreza e o rebaixamento moral completam a outra face da moeda conservadora. A divisão de classes é apenas entrevista, subordinada às alusões ao Tempo e seu inevitável valor e, sobretudo, à liberdade de dispor de si mesmo, sem qualquer tipo de escravidão. Cativos ali eram os três, significantes de conteúdos analógicos: o amor-paixão, o passado equívoco e o presente sem futuro. Um casal jovem e um negro dividem com o leitor camadas superpostas de tradição narrativa e história nacional.

Duas observações merecem destaque nesta cena campestre aparentemente desprovida de importância, a não ser, no nível dos acontecimentos, o de propiciar o encontro com a casa da bandeira azul, centro enigmático dos temas de Helena.

A primeira observação refere-se à conversa dos jovens sobre a escravidão. Em 1850 promulgava-se a Lei da Abolição do Tráfico Negreiro, de autoria de Eusébio de Queirós, um dos integrantes da "trindade saquarema". A voz de Estácio filtra para a ficção o problema que se arrastava desde os anos trinta. A partir de 1845, sob pressão inglesa, com a publicação do **Aberdeen Act**, tornava-se assunto cotidiano e controvertido.

As clivagens entre os elementos da sociedade imperial não se reduzem às considerações estritamente políticas. A combinação entre condições sociais e subordinação racial, proveniente do fundo histórico plasmado na colonização, indicava o papel determinado para as relações humanas. Tanto para luzias quanto para saquaremas, na prática da defesa de seus objetivos, as idéias giravam em torno dos monopólios da classe senhorial: de mão de obra e da terra, dos negócios, da política e da conquista de postos na administração civil e militar, leiga e eclesiástica. Tais objetivos acabavam por enfatizar, na linha de pensamento de um Jeremias Bentham, a liberdade e a propriedade como complementares para a satisfação dos componentes da "boa sociedade"¹¹.

Machado de Assis toca em um ponto nevrálgico na constituição do Estado imperial, ampliado nas transformações da década de setenta até a Abolição e República.

A segunda observação diz respeito à focalização onisciente do narrador a fazer malabarismos para se controlar diante do leitor. O jogo de perspectivas contrasta o discurso "enobrecido" com a visão do negro andrajoso. As preocupações moralistas da elite e o cotidiano rarefeito da miséria é modalizado, ironicamente, pelo foco da narração. Era a mula, com atributo mental humano, que "olhava filosoficamente", tomando parte na cena. Dominadores e dominados estão conjugados de forma hábil e astuciosa: falar sobre a liberdade não é o mesmo que usufruir dela, mesmo em instante fugaz. Um atrito semântico tornou a linguagem internamente crítica, artifício sutil para acenar à imaginação das diferenças.

Falou-se da escravidão, viu-se o pobre negro mas ficou confundida a imagem social com o clichê amoroso: a servidão do amor, a separação imposta pela sociedade, a "pobre alma lançada num turbilhão", como se denominou, ao final da cena, a própria Hele-

na, impregnam o sentido. A iteração expõe-se à saturação redundante, fantasma habitual nos textos de folhetim.

Ao introduzir Vicente, o cria da casa e pagem de Helena, o narrador já balizava as fronteiras ficcionais com o instituto servil: "a esperança da liberdade, se a podia haver, era precária a remota" (p.72). Essas cláusulas ordenam o comportamento narrativo diante de tema tão espinhoso, salvando-o de confrontos maiores com a discussão efervescente no momento da edição do jornal. A liberdade acaba sendo dominada pela retórica das máximas, anulada no âmbito da linguagem. Vicente atravessa a ficção como o negro da estrada, mensageiro de "enigmas" ideológicos, cujo trabalho humilde é construir a história dos outros.

Em um texto da ética pedagógica o valor do conhecimento armazena fardos de informação previamente dispostos e empilhados. O desfecho trágico, fruto do desconhecimento, é facilmente promovido a obstáculo social intransponível dentro da lógica modulada pelas repetições.

A história pessoal de Salvador é um momento concentrado desse poder controlador e disseminador. Ao ter a palavra, o personagem conta suas desgraças mas assume a voz de juiz do texto, indicando seu mecanismo de funcionamento: "Presumo que é rico. Na abastança é impossível compreender as lutas da miséria, e a máxima de que todo o homem pode, com esforço, chegar ao mesmo brilhante resultado, há de sempre parecer uma grande verdade à pessoa que estiver trinchanto um peru..." (p.181).

A procura de um lugar ao sol, a preocupação com a mudança de **status**, são novamente encenadas por Machado de Assis. Dramatiza as expectativas dos agentes sociais que necessitavam ser incorporados em projetos de futuro, pouco encontrando onde exercer sua força de trabalho pelas condições do Império. A escravidão deslocava os indivíduos livres da maior parte das atividades e o sistema econômico da produção colonial não promovia a ampliação de ocupações normais e estáveis para a população¹².

Ser jovem e ambicioso era uma necessidade para a sobrevivência fora do limbo da pobreza e do anonimato. Assim, os textos machadianos estão povoados por afilhados, padrinhos, compadres nas-

cidos graças ao rito católico que sanciona as novas relações. O batismo, a crisma, o casamento fazem as alianças para os benefícios futuros. "Todo o incômodo é aprazível quando termina em legado" (p.138), sentencia o prático Dr. Camargo. A madrinha de Eugênia morre em Cantagalo e, apesar da "estreiteza das esperanças", sempre é possível um desenlace pecuniário. Como se vê, há máximas para todos os gostos e situações.

A metalinguagem acionada às claras, no nível da enunciação, ou indiciada internamente no nível do enunciado, é um operador de equivalências, obrigando o leitor a refletir sobre o ato de escrever. E escrever máximas, cujo fechamento de significado remete para a clausura social.

O mundo do trabalho fechara-se para Salvador e Ângela da Soledade pois violaram as regras do controle patriarcal e da Igreja, campo do divino, importante quando se trata de capricho (ou castigo?) dos céus. Por traição de classe formaram um núcleo pessoal impossível de crescer, condenado à solidão. Apenas sob a forma de favor - Ângela sob o manto protetor do conselheiro, Helena prisioneira na trama familiar - contra a corrente da tradição instituída e no âmago de mentira, conseguem se introduzir na sociedade. Mas não por muito tempo. Shakespeare acode ao chamado do narrador e vaticina: "Ela enganou seu pai, há de enganar-te a ti também" (*Otelo*) (p.211). O código patriarcal fica reassegurado com o aval do dramaturgo inglês, então encenado inúmeras vezes por João Caetano, na adaptação de Ducis¹³.

Caberá a Estácio a máxima **en-abíme** da narrativa, ainda que de gosto duvidoso: "A suspeita é a tênia do espírito; não perece enquanto lhe resta a cabeça" (p.177). O diagnóstico desse caso clínico de infecção parasitária familiar sintetiza-se na locução, que redistribui uma verdade conhecida por todos e confirmada pela experiência de vida no trópico. A imagem fisiológica e excretora do corpo maléfico, a anulação de sua permanência e proliferação antecipam um final previsível.

Ao intérprete do espaço divino, Padre Melchior, meio capelão, meio agregado, estão reservadas palavras bíblicas e tom grave, condizente com a revelação. Todo o capítulo XXIII reveste-se de um ritmo pesado de culpas acumuladas, de sacramento da confis-

são. Apesar de São Paulo vir ao auxílio em tamanha catástrofe: "Para os corações limpos, todas as coisas são limpas" (p.195).

O verbalismo grandiloquente e hiperbólico tira os melhores efeitos deste material de melodrama. Tudo levou a um clímax de linguagem teatral cujo ponto sensível é o elogio da virtude, do heroísmo exclamativo da moral sem máculas. A morte de Helena em decorrência da tempestade a que se expusera é um *gran-finale* digno de Pixérécourt, o Corneille do Boulevard¹⁴.

A natureza é o algoz da sua execução, decretada pela cultura e sancionada por um repertório codificado de ideologia. O retiro paradisíaco do Andaraí, cercado por jardins, junto à floresta da Tijuca, paisagem amena tópica do romantismo, fora contaminado pela luxúria do conselheiro e um ritual de purificação era inevitável. Além disso, a morte em 1850 era uma lembrança dolorosa para os que sobreviveram à epidemia de febre amarela. Para os mais jovens, tratava-se de ameaça a rondar, sempre ativa.

* * *

Conciliação histórica, transação narrativa. Machado de Assis reuniu nesse enredo de amor impossível a matriz intelectual, política e retórica de um período brasileiro. Ofereceu ao folhetim jornalístico, de maneira despretenciosa, um olhar dos anos setenta sobre os anos cinquenta. No momento da consolidação das classes proprietárias, sempre temerosas de alianças incertas, o mito da sedução incestuosa que perseguiu o romance e o melodrama traveste-se em biografia política.

O episódio emblemático dos três beijos do astuto Dr. Camargo em sua filha Eugênia reproduz, em escala reduzida, a estrutura global do enunciado. Machado de Assis enlaçou o enigma central da identidade da heroína com outro, aparentemente secundário, mas desafiando a competência lingüística do leitor. Ele poderá reconhecer nas manobras paternas do médico um recorte político das relações do Império que foram, em diversos momentos, mimetizadas. Ao executar esse movimento transversal de sentido irá se defrontar com a tarefa de integrar estratégias textuais e problematização crítica.

Não é chegada a hora para o autor escancarar a verdade, desobrigada de pudores, pois o narrador é um defunto, como o será Brás Cubas. Por enquanto, a preocupação em emocionar com recursos óbvios serviu também para disseminar a sombra da dúvida: jogo do destino ou dissimulação política?

As máximas que impregnaram a cultura brasileira do século XIX recebem dele um tratamento corrosivo a partir dos anos oitenta. Elas serão solicitadas a desvendar o avesso da História, saindo dos caminhos comportados do *doxa* para se instalar no paradoxo.

NOTAS

- ¹ CATÁLOGO dos livros em português publicados e à venda na Livraria Universal dos Editores-Proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, Rua da Quitanda, 77, no Rio de Janeiro. Tip. Universal de Laemmert, 1848.
- ² FONSECA, Mariano José Pereira da, Marquês de Maricá. **Máximas, pensamentos e reflexões.** Rio de Janeiro, MEC-Casa Rui Barbosa, 1958.
- ³ MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira; origens, barroco, arcadismo.** São Paulo, Cultrix, EDUSP, 1983. v.1, p.313.
- ⁴ MARTINS, Antonio. **Arthur Azevedo: a palavra e o riso.** São Paulo, Perspectiva, Rio de Janeiro, UFRJ, 1988. p.88 e sgs.
- ⁵ POMPEIA, Raul. **O Ateneu.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, OLAC, 1981. (Obras, v.2) cap.5, p.105.
- ⁶ MATOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema.** São Paulo, Hucitec, Brasília, MINC-Pró-Memória, INL, 1987.
- ⁷ ASSIS, Machado de. **Helena.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Brasília, INL, 1975. (Ed. críticas de obras de M. de A., v.2).
- ⁸ IGLESIAS, Francisco. **Vida política: 1848-1868.** In: O BRASIL MONÁRQUICO. 3.ed. São Paulo, DIFEL, 1976. t.2, v.3. (História geral da civilização brasileira).
- ⁹ JOLLES, André. **Formas simples.** Paris, Seuil, 1972.
- ¹⁰ ASSIS, Machado de. **Obra completa.** 2.ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962. v.2, p.707.
- ¹¹ MATOS, Ilmar R. de. op.cit., p.115.
- ¹² PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo; Colônia.** São Paulo, Brasiliense, 1945.
- ¹³ PRADO, Décio de Almeida. **João Caetano.** São Paulo, Perspectiva, 1972. p.25.
- ¹⁴ BROOKS, Peter. **The melodramatic imagination.** New Haven, Yale Univ. Press, 1976.